

**Um diagnóstico para os acervos: a eugenia nas publicações de Renato Kehl e João Candido Ferreira (1920-1930)**

**Gerson PIETTA\***

**Leonardo Dallacqua de CARVALHO\*\***

**Resumo:** Ao trabalharmos nos arquivos dos médicos e intelectuais João Candido Ferreira e Renato Kehl, notamos uma grande quantidade de publicações em impressos periódicos ao longo de suas trajetórias, sobretudo nos anos de 1920 e 1930. Propomos, então, investigar ambos os arquivos e analisar suas dificuldades, formas de interpretação ao trabalhar com essa documentação e questões que envolvem o tratamento com a temática referente à eugenia.

**Palavras-chave:** Arquivos de intelectuais. Eugenia. Renato Kehl. João Candido Ferreira.

**A diagnosis for archives: eugenics in Renato Kehl and João Candido Ferreira publications (1920-1930)**

**Abstract:** When we work in the archives of doctors and intellectuals João Candido Ferreira and Renato Kehl, we noticed along their trajectories a lot of publications in journals printed, especially in 1920 and 1930. The investigation of both the archives is proposed, studying to put in question their difficulties, forms of interpretation when we work with this documentation and questions that including treatment with the eugenic thematic.

**Keywords:** Intellectual archives. Eugenics. Renato Kehl. João Candido Ferreira.

**A caminho da problematização**

Em comum, Renato Kehl e João Candido Ferreira, além da profissão de médico, se destacaram como adeptos da teoria eugênica. Criada ainda no século XIX, a eugenia idealizada pelo cientista inglês Francis Galton ganhou adeptos em várias partes do mundo. É verdade que ela também sofreu suas próprias interpretações e remodelações, não

---

\* Doutorando em História – Programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal do Paraná – Rua XV de Novembro, 1299 – centro, Curitiba/PR, CEP: 80060-000, Brasil. E-mail: gersonpietta@gmail.com

\*\* Doutorando em História das Ciências e da Saúde – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – RJ – Avenida Brasil, 4036, 4º andar, sala 420, CEP: 21040-361, Manguinhos – Rio de Janeiro/RJ. E-mail: leo\_gerrard@hotmail.com

permitindo ao historiador contemporâneo decifrá-la de forma unilateral, pois, entre suas características de sobrevivência em diferentes contextos nacionais, esteve a possibilidade de reinterpretá-la segundo óticas particulares.

A possibilidade de aplicar a eugenia no Brasil seduziu uma parcela do agrupamento médico dos trópicos. Um país miscigenado por natureza, muitas vezes condenado pelo caldeamento das raças, poderia ser um excelente laboratório para a “recuperação” do seu povo miscigenado. A mistura racial foi um dos elementos integrados para a explicação do insucesso do Brasil em comparação com as civilizações ditas “adiantadas” ou atentas ao “progresso”. No escopo da eugenia à brasileira ainda se consagraram as medidas direcionadas ao controle de doenças hereditárias, restrições imigratórias, propostas núpcias, combate à sífilis e ao alcoolismo. A proposta eugênica brasileira compreenderia em uma resolução que abarcaria várias questões consideradas problemáticas para o país. Os tipos de “problemas” eleitos dependeriam do ator intelectual que discorresse sobre o tema, podendo privilegiar um ou mais fatores como causa preponderante para diagnosticar o insucesso nacional.

Outras classes profissionais, além dos médicos, se mobilizaram no país em relação à eugenia, ou seja, psiquiatras, juristas, políticos, antropólogos, literatos e outros grupos estiveram atentos a um modelo de engenharia humana como proposta de resolução de parte dos enigmas da nação. Todavia, a classe médica merece um destaque em especial, justamente porque, assim como psiquiatras, transitava nas especificidades dos conceitos da especialização médica em voga e no aparato técnico sobre hereditariedade. Nesse ponto em particular, a comunidade médica participou ativamente dos debates e foi representada por figuras icônicas como Edgard Roquette-Pinto, Belisário Penna, Antônio Carlos Pacheco e Silva<sup>1</sup>, bem como os atores históricos alvos dessa proposta: Renato Kehl e João Candido Ferreira.

O médico Renato Kehl (1889-1974) é amplamente conhecido na literatura da eugenia (MOTA, 2003; SOUZA, 2006; STEPAN, 2005), pois, além de ter sido objeto de diversas produções nas últimas décadas, poucos se destacaram na propagação eugênica como o médico paulista. Não à toa, é reconhecido como o maior propagandista da Ciência de Galton no Brasil, tanto no caráter teórico, quanto em sua institucionalização. Com dezenas de livros e centenas de artigos em impressos periódicos publicados sobre a temática, sua influência ultrapassou as barreiras nacionais e constituiu leitura de outros eugenistas internacionais.

Por sua vez, o médico paranaense João Candido Ferreira (1864-1948) tem seu envolvimento nas questões nacionais ao delimitar um projeto de nação à sua leitura de Brasil, da qual entendia que o país necessitaria de uma salvação física e moral. Sua

percepção de eugenia na realidade nacional foi dividida tanto numa vertente preventiva, dialogando com teorias de cunho neo-hipocrática, neolamarckista e bacteriológica (PIETTA, 2015, p. 201), quanto em sua faceta mais extremada, inclinada à restrição da migração e imigração e esterilizações em determinados casos.

Como exporemos ao longo da narrativa, os acervos de Kehl e Ferreira correspondem a um precioso baú histórico acerca da interpretação médica e eugênica dos primeiros anos do Brasil República. O primeiro problema de caráter cronológico que pode ser destacado diz respeito à vivência de ambos intelectuais. Apesar de contemporâneos, as produções intelectuais médicas de João Candido Ferreira iniciam-se ainda no século XIX, discorrendo sobre a problemática da tuberculose. No início do novo século, o médico passaria por um período de atividade mais direcionada à política, voltando a marcar presença nos impressos periódicos nos anos de 1920. Este momento coincide com o volume de textos e obras também publicadas por Renato Kehl, sobretudo no que concerne à eugenia. Portanto, perante a necessidade de delimitarmos as trajetórias, constituindo especialmente os debates propostos em torno da eugenia, pinçamos de seus acervos os textos situados nas décadas de 1920 e 1930. O recorte é significativo na medida em que tratamos de um período do “entre guerras”, quando a eugenia foi incorporada com rigidez em espaços nacionais e ganhou consistência em parte do *establishment* médico nacional.

Posto isso, qual a base física e estado dos materiais encontrados? Primeiramente, os arquivos analisados referentes ao Fundo Pessoal Renato Kehl estão alocados no Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (COC), no Rio de Janeiro. São várias caixas doadas por seus familiares com uma seleção de material acumulada por seu portador. Os que abrem tais arquivos se deparam com uma vasta produção intelectual, sobretudo de publicação em jornal que vai até as últimas décadas de sua vida. Ainda é possível encontrar uma boa quantidade de correspondências, relatórios e papéis variáveis de anotações. É, sem dúvidas, um sítio arquivístico obrigatório para interpretar os meandros do processo de pensamento da eugenia a partir de Kehl no país.

No que concerne aos arquivos referentes a João Candido Ferreira, estes estão dispostos em diferentes locais, desde a Biblioteca Pública do Paraná – em uma área específica de produções paranaense –, Arquivo Público do Estado, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Associação Médica do Paraná ao Círculo de Estudos Bandeirantes - PUC-PR, ambos localizados em Curitiba. Ao contrário dos arquivos de Renato Kehl, que possui um Fundo Pessoal, não é reservado para João Candido Ferreira um acervo próprio. Em pesquisas de acervos do médico na cidade da Lapa, no ano de 2011, não fora encontrado acervo pessoal que, conforme relatos coletados havia se perdido. Porém, o intelectual avoluma grande parte de suas produções na literatura médica publicadas em

livros e em periódicos. Obviamente, em comparação a Renato Kehl, João Candido possui um acervo de publicações mais contido, mas nem por isso desprovido de riqueza para o estudo da eugenia.

Arquivos de intelectuais, sobretudo de médicos e cientistas, profissões presentes no escopo deste artigo requerem, como notou Maria Teresa Villela Bandeira de Mello (2012, p.311), um maior cuidado no trato de tal documentação, especialmente em razão das armadilhas interpretativas que neles possam conter. Isto é, ao trabalhar com estes acervos, não se deve ficar refém de sua organização, mas tentar compreender o motivo de suas escolhas organizacionais, seja pela ótica do próprio ator histórico seja da instituição responsável por estabelecer uma lógica temática àquela composição. Ao elegermos impressos periódicos como linha mestra de análise, estamos mais atentos à importância atribuída à acumulação das publicações e como esta questão facilita o empreendimento do exame das fontes uma vez que estão organizadas cronologicamente, facilitando a investida do pesquisador.

Diante do volume e dos tipos de fontes nos arquivos visitados, optamos por observar as publicações em impressos periódicos ao passo que representavam um lugar de fala dos médicos naquela sociedade. Longe de querer estender tal debate, algumas observações em torno da literatura do uso de periódicos podem nos ajudar enquanto guia no tratamento de intelectuais médicos definidos em tempo e espaço delimitados, uma vez que o formato e a modernização dos impressos sugerem cuidados específicos enquanto fonte. Por isso, o centro da discussão envolve a questão dos intelectuais e seus papéis na função de publicadores nos impressos. A historiadora Tania Regina De Luca tem orientado os pesquisadores que se debruçam nesse tipo de documento para as suas múltiplas possibilidades de ação. Assim, esses impressos periódicos congregaram tanto os chamados “homens de letras” no Novecentos, como propostas “[...] estéticas, culturais e científicas [...]” (DE LUCA, 2008, p. 126). Na esteira dos debates travados no campo da eugenia, por exemplo, o veículo impresso representaria um aumento da capacidade da informação chegar àqueles alfabetizados. Além disso, o impresso por ser entendido como uma espécie de “nicho ecológico” da vida intelectual, espaços em que havia uma constante disputa por diversos indivíduos e grupos da *intelligentsia* nacional. Tanto Kehl como Ferreira trafegavam nesse nicho.

Dessa forma, não há uma restrição em termos de especialização dos impressos investigados. Dito de outro modo, ambos os autores publicaram tanto em impressos direcionados às suas áreas de especializações, quanto nos jornais de grande circulação da época. Aliás, atingir um número maior de leitores era uma proposta para a compreensão da eugenia, de modo que ela dialogaria com iniciativas de ações do Estado. O convencimento

da aplicação de medidas eugênicas está ligado à sedução que aquela teoria científica exerceria no imaginário social, sobretudo, ante ao projeto de nação de controle da hereditariedade. Afinal, de nada bastaria convencer os letrados ou a classe dirigente a adotar políticas e ações eugênicas se a população nacional em sua plenitude não se convencesse de que tais propostas eram necessárias.

Então, os impressos nos condicionam a observar uma resolução de nação conectada numa concepção de ciência da época. Tal relação compreende na construção do imaginário social de uma parte da elite médica, política e intelectual que nutria crenças nas medidas eugênicas como possibilidade de revitalização do “povo brasileiro”.

### **Lugar social e formação dos intelectuais**

João Candido Ferreira era filho da aristocracia rural paranaense do fim do século XIX, possuidor de propriedades rurais na cidade histórica da Lapa-PR, e com parentes detentores de mão de obra escrava.<sup>2</sup> No ano de 1883, iniciou os estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e finalizou em 1888. Formou-se durante o regime Imperial e aquele ano foi a última presença do imperador D. Pedro II no rito de passagem. Porém, João Candido não esteve presente por motivos de saúde de seu pai. Maio (1995, p. 227) relata que, durante o Império, “[...] formar-se em direito ou medicina era sinônimo de status, uma estratégia de preservação ou ascensão social e um passaporte de entrada no mundo da política.” Nesse sentido, João Candido se enquadra nessa tipificação. Quando de sua estadia no Rio de Janeiro, houve uma reforma de suma importância no ensino de medicina daquele período – a Reforma Sabóia. De inspiração alemã, determinava a obrigatoriedade das provas práticas, permitia a diplomação de mulheres, abolia o juramento católico permitindo o livre credo, e incluía cátedras significativas para a formação acadêmica, entre elas: “[...] anatomia e fisiologia; clínica oftalmológica; clínica médica de adultos; clínica cirúrgica de adultos; clínica de moléstias médicas e cirúrgicas para crianças; moléstias cutâneas e sífilíticas; moléstias mentais.” (VELLOSO, XAVIER, FONSECA, s/d., p. 10). Este era, portanto, um divisor de águas no ensino médico, pois ampliou o rol de disciplinas trazendo à tona a questão da sífilis e das doenças mentais, tão caras à teoria da hereditariedade em voga, mas também à ciência eugênica que se estabeleceria anos mais tarde.

Por seu turno, Renato Kehl, nascido em Limeira-SP no ano de 1889, era filho de imigrantes alemães, e foi educado, segundo Souza (2006, p.70), nos valores católicos e pertencente a emergente classe média paulista, que via na formação médica um importante símbolo de prestígio e de ascensão social e política (*Idem*). Obteve na academia uma dupla

formação, a primeira sendo na Escola de Farmácia de São Paulo, em 1909, e a segunda na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1915.<sup>3</sup> Nesse contexto republicano, a FMRJ havia passado por três reformas para além da Reforma Sabóia, a saber: a Reforma Benjamin Constant, de 1891, que aumentou o número de cátedras, redistribuiu as mesmas em seções e séries, restaurou a autonomia didática do ensino, tornou obrigatória a frequência dos alunos aos laboratórios e às clínicas (VELLOSO, XAVIER, FONSECA, s/d., p. 13).; o Código de 1901, que restringiu a liberdade de frequência, suprimiu várias cadeiras em um período de orçamentos escassos e laboratórios decadentes e de desorganização acadêmica e administrativa (*Idem*, s/d., p. 14); a Reforma Rivadávia Corrêa, de 1911, que alcançou até mesmo o âmbito da Academia Nacional de Medicina foi fundamentada novamente no sistema de docência alemão e previa autonomia didática e administrativa, inclusive eleição para diretores. Emergem, assim, os cargos de professores ordinários e extraordinários, cuja liberdade profissional era ponto central. Em 1912, período em que Kehl esteve vinculado à FMRJ, ocorreu a criação do curso de clínica de doenças nervosas, ministrada por Antônio Austregesilo Rodrigues Lima (*Idem*, s/d., p. 16), um dos grandes estudiosos da eugenia e da higiene mental.

Há de se destacar o momento em que Renato Kehl era discente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e fora produzida, em 1914, a primeira tese acadêmica acerca da eugenia, orientada pelo médico Miguel Couto. De autoria de Alexandre Tepedino, o texto buscava, segundo Souza (2006, p. 31), dar um panorama sobre a eugenia bem como estabelecer a relação entre o direito e a formulação de leis eugênicas. Miguel Couto era professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desde o fim do século XIX até o início do XX e, portanto, uma influência tanto para João Candido Ferreira, que o tinha como um grande modelo de médico, pois fora seu colega, amigo e mestre no Rio de Janeiro<sup>4</sup> (PIETTA, 2015), quanto para Renato Kehl, que conviveu com ele na década de 1910 e o influenciou nas futuras atividades profissionais (SOUZA, 2006). Renato Kehl, no livro *Por que sou eugenista*, editado em 1937, em virtude dos 20 anos do movimento eugênico no Brasil, revela que, em 1912, houve o primeiro Congresso Internacional de Eugenia, em Londres, e a partir da leitura dos anais deste evento impeliu-se pelo estudo da ciência de Galton.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, João Candido Ferreira defendeu a tese *Das Nevrites Periphericas* (1888), na qual dissertava sobre a inflamação nos nervos periféricos de causas tóxicas, infectuosas e a *frigore*. Conviveu com professores como “João Pizarro Gabizo, Antônio José Pereira da Silva Araújo, Domingos de Almeida Martins Costa, João Carlos Teixeira Brandão, Martins Costa, Nuno de Andrade, Rocha Faria, Cypriano de Freitas, Agostinho José Souza Lima, Candido Barata Ribeiro, Eduardo Rabelo [...]” (PIETTA,

2015, p.199). Isso permite compreender como foram tecidas as redes de sociabilidade no momento que viveu no Rio de Janeiro. Todavia, o rol de discentes que frequentavam a Faculdade aumentaram ainda mais suas redes, das quais fizeram parte intelectuais como: “Arnaldo Vieira de Carvalho, Claro Homem de Mello, Franco da Rocha, Miguel Couto, Nina Rodrigues, Bulhões Carvalho e Tito Lívio de Castro [...]”(PIETTA, 2015, p.199).que além de colegas, estudaram, como ele, conteúdos que referenciavam o conceito de degenerescência.

Renato Kehl, por sua vez, defendeu a tese *Blastomicose* (1915), uma especialidade da medicina dermatológica (SOUZA, 2006, p.31). Na FMRJ conheceu e conviveu com médicos como “[...] Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, Eduardo Rabelo, Agostinho de Souza Lima [...]”. Em análise do quadro de professores que estiveram presentes na FMRJ, encontramos os nomes de Ernesto de Freitas Crissiúma, Luiz Antonio da Silva Santos, Antonio Dias de Barros, Tibúrcio Valeriano Pecegueiro do Amaral, Oscar Frederico de Souza, Francisco Pinheiro Guimarães (filho), Aloysio de Castro, Augusto de Souza Brandão, Antonio Maria Teixeira; Pedro Augusto Pinto, Benjamin Antônio da Rocha Faria, João da Costa Lima e Castro, José Antonio de Abreu Fialho, Antônio Austregesilo Rodrigues Lima e Agenor Porto. (VELLOSO, XAVIER, FONSECA, s/d., p. 20-21-22-23).

Percebemos que João Candido Ferreira e Renato Kehl fizeram parte de algumas redes de sociabilidades em comum, porém, não é certo que os mesmos possuíam alguma relação. Há evidências que indicam a possibilidade do contato, pois no ano de 1917, Renato Kehl publicou o texto intitulado *A Blenorragia e seu tratamento*<sup>5</sup> na *Revista Paraná-Médico*, periódico que tinha como editor-chefe João Candido Ferreira – e que nesse momento era vinculada à Faculdade de Medicina do Paraná e à Sociedade de Medicina do Paraná. Essa grande teia de sociabilidades iniciadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi um dos locais propícios para a emergência do movimento eugênico no Brasil. As relações de produção acadêmica passaram a se intensificar e o assunto eugênico se expandiu pelo país. É interessante perceber que o momento histórico em que os dois intelectuais estiveram envolvidos com a Faculdade, de certa forma, delimitou seus pensamentos e suas posteriores teses eugênicas. É o lugar social de formação e de estabelecimento científico que determina as arestas de suas produções. Sendo assim, quais eram as perspectivas de Kehl e Ferreira em relação ao benefício da eugenia como teoria para o Brasil nessas décadas? Em vista dos acervos investigados, quais temas saltam aos olhos? Quais suas transformações enquanto intelectuais ao pensarem a tese eugênica?

**João Candido Ferreira, acervos impressos e eugenia**

João Candido nas primeiras décadas envolveu-se com a política e chegou a ser vice-governador do Estado do Paraná, no período de 1904 a 1908. Grande parte desse acervo político foi publicada também na década de 1920, momento auge de publicação em livros de suas palestras acerca de assuntos médicos, mas também de textos acoplados, incluindo falas médicas, discursos na Faculdade de Medicina do Paraná, escritos de memórias de si. Em 1920, João Candido publicava o livro *Retrospecto*, com edição da Livraria Mundial, de Curitiba. Era sobretudo um livro de memórias de si, ou o que chamou de “relançar pelo meu passado”, no qual coligiu alguns fragmentos de sua atividade como médico, político e como soldado da Revolução Federalista. É um texto importante na medida em que atribui sentido a vários momentos de sua longa trajetória em variados campos de atuação, às vezes com devido afastamento temporal dos eventos comentados e repleto de sentidos. São textos produzidos para conferências, aulas inaugurais, falas e manifestos políticos datados de 1895 a 1920.

É interessante perceber que todos os textos que têm envolvimento da ciência eugênica estão sempre relacionados com a questão do ensino e das lutas futuras que os estudantes teriam que se empenhar, ou de maneira geral, relacionados a um público mais amplo e fazendo uso de uma linguagem acessível. Sua permanência na Faculdade do Rio de Janeiro no fim do século XIX revelava que a instituição estava inundada pelo chamado Neohipocratismo e, para tanto, é perceptível tal teoria em suas publicações até o fim de sua vida. Porém, João Candido não deixava de utilizar as teorias posteriores, como a Bacteriologia de Pasteur, que emerge no Brasil no início do século XX, ou até mesmo a ciência eugênica, conforme visualizaremos. Em conferência intitulada *Oração de Paraninfo* aos formandos da turma de 1938, João Candido afirmava que

No século passado, século que a medicina podia apelidar de Pasteur, a descoberta das bactérias como agente etológico das infecções, deixou em segundo plano o hipocratismo, que proclamava o terreno fator principal no tratamento das perturbações mórbidas. A crítica vai fazendo obra a justas reivindicações e já estamos notando que os ensinamentos tradicionais e as conquistas da bacteriologia marcham paralelas, unidas e visando o progresso da arte de curar. (FERREIRA, 1938).

João Candido, portanto, concordava que os dois princípios teóricos poderiam ser utilizados sem problemas, e ainda exaltava que foi o hipocratismo que distinguiu conceitos como “temperamento, constituição e predisposição”. Com tais bases de distinções, relata que não foi difícil criar especialidades como a endocrinologia, a biotipologia e as doenças da

nutrição. Essas foram ciências que andaram de mãos dadas com a ciência eugênica também em outros autores.

Na interpretação eugênica do médico paranaense, ele utiliza como estratégia de legitimação angariar suas produções em diferentes épocas para formar o todo teórico. Assim, olha para sua trajetória e visualiza que suas produções médicas formavam sua teoria eugênica em prol da “raça forte”. É na publicação do texto *A Eugenia*, de 1923, que João Candido Ferreira oferece sentido à sua trajetória como médico e eugenista em prol da nação.

No ano de 1897, João Candido realizou uma conferência acerca da *Prophylaxia da Tuberculose* no Congresso Recreativo, na cidade da Lapa-PR. A palestra versava sobre a história médica da tuberculose no mundo e dos altos índices de mortalidade, e em seguida trazia um esboço da história da cidade da Lapa em relação à chegada da doença. Seu objetivo era fazer o público compreender a causa determinante da tuberculose e sua profilaxia. Entre as causas apontadas estava a “[...] insuficiência do ar e o abuso das bebidas alcoólicas [...]” (FERREIRA, 1897, p. 20). Nesse sentido, o autor constrói uma cartilha didática de como se prevenir da tuberculose. No ano de 1901, na Academia Nacional de Medicina, João Candido Ferreira trouxe novidades no tratamento da tuberculose em seu texto *Tuberculose Pulmonar e Super-Alimentação*. Até então, a superalimentação era hegemônica nas recomendações, e o médico, contrariando tal indicação, defendeu a tese da alimentação suficiente para o tratamento. Em nova palestra chamada *O ar e o sol perante a Medicina*, desta vez no ano de 1918, João Candido voltou a falar a respeito da “alimentação aeria insuficiente” aproximando-a da tuberculose: ar puro, pulmão forte e são, ar impuro e contaminado, pulmão franco e doente. Segundo o autor, a tuberculose vai acompanhando a civilização: “a vida selvagem ao ar livre, ao sol, obsta a que se desenvolva esta moléstia, resultante necessária da existência moderna”. João Candido falava nesse momento de conceitos de salubridade e insalubridade dos centros populacionais, e o viés neohipocrático se fazia presente. Na década de 1930, durante o 6º Congresso Brasileiro de Higiene, ocorrido em Curitiba, João Candido Ferreira, ao lado de Aramys Athayde – outro eugenista –, atuou como debatedor do “[...] estado atual do problema da tuberculose no Brasil”, conforme divulgado pelos jornais *Correio da Manhã* (08/06/1930, p.08) e *A República* (12/12/1929, p.03).

Nos periódicos médicos paranaenses, os ecos da eugenia apareceram pela primeira vez na *Revista Parana-Médico*, no ano de 1918. No texto de autoria de Victor Ferreira do Amaral intitulado *Puericultura obstétrica, desde a concepção*, inferia acerca da importância da higiene e da eugenia contra os vícios sociais e fatores degenerativos. Victor Ferreira do Amaral era o diretor da Faculdade de Medicina do Paraná e possuía grau familiar com João

Candido Ferreira, então diretor do periódico. O ano de 1918 é significativo, pois nesse ano foi criada a Sociedade Eugênica de São Paulo. Além de ser um momento em que o movimento sanitarista se expande no país, principalmente advindo dos cientistas de Manguinhos, o momento é simbólico pela criação da Liga Pró-Saneamento, também em 1918. Marius Turda (2014, p. 145 *apud* KEHL, 1921, p.18) infere que Renato Kehl, em uma pequena publicação na revista *Eugenical News*, em 1921, trazia à baila duas sociedades eugênicas para além da Sociedade Eugênica de São Paulo. A primeira era situada em Manaus, no Estado da Amazônia, liderada por João Coelho de Miranda Leão.<sup>6</sup> A segunda estava situada no Rio de Janeiro, afiliada a Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, fundada pelo conhecido médico e psiquiatra Juliano Moreira. Tais associações são provas da intensificação das produções acerca da eugenia e da preocupação com a degradação da raça.

João Candido Ferreira publicou, no ano de 1922, dois textos importantes para seu receituário de nação. O primeiro deles, intitulado *O álcool não é aperitivo, nem termogênico*, foi uma lição proferida no Hospital de Misericórdia de Curitiba, vinculado à Faculdade de Medicina do Paraná. Conforme aponta, antes de ser publicado como folheto foi apresentado como aula de Clínica Médica – um vínculo existente entre o Hospital e a Faculdade. Segundo o autor, o alcoolismo agudo e crônico recebia tratamento recorrente nas aulas de clínica, demonstrando as “[...] alterações e devastações que produz no organismo, [...] transformando um poderoso hercules em lambisco de gente.” (FERREIRA, 1922a, p.2). Porém, nesse texto, expunha as perturbações funcionais ligadas ao uso e abuso do tóxico. Vale lembrar que em sua tese acadêmica sobre as *Nevrites Periphericas*, o autor tratava das perturbações do álcool no sistema nervoso periférico como fator degenerativo – a chamada *nevrite alcoolica*.

Desde o início do século XX, estava em discussão, conforme aponta Souza (2006, p.11) que o alcoolismo, entre outras doenças comuns e comportamentos sociais, era determinado também pela hereditariedade. João Candido Ferreira era um leitor dos grandes médicos e intelectuais franceses, e seus textos sempre utilizam como base tais literaturas. Ao seguir as indicações de Courmont, um higienista francês de Lion, João Candido relatava que o álcool tornava o terreno favorável à tuberculose – assunto tratado por ele no fim século XIX e que é importante acervo de pesquisa impressa sobre o autor –, mas também de inúmeras moléstias nervosas, da loucura, da criminalidade e do pauperismo. Esse assunto era relacionado ao conceito de raça, mas também vinculado ao conceito de nação, na qual afirma que “[...] uma raça alcoolica é uma raça perdida [...]”, e o alcoolismo deveria ser tratado como um “perigo nacional.” (FERREIRA, 1922a, p.6). Estas eram ideias angariadas pelos intelectuais pertencentes à Sociedade Eugênica de São Paulo (1918-

1919), mas que extrapolavam esses limites. Em 1923, com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, organizada por Gustavo Riedel, a luta antialcoólica irá se intensificar ainda mais.

Além da publicação em folheto, o texto sobre o alcoolismo foi publicado no periódico *Arquivos Paranaenses de Medicina*, em maio de 1922. De publicação mensal, o periódico recebia textos de *Medicina Experimental e de Higiene*, e estava ligado ao Órgão de Serviço de Saneamento e Prophylaxia Rural, dirigido por Heráclides Souza Araújo, médico vinculado diretamente ao Instituto de Manguinhos. Este é outro periódico de suma relevância para a análise da história da saúde no Paraná. O texto cita ainda uma infinidade de médicos de expressão nacional como Belisario Penna, então Diretor do Saneamento, que inferia acerca da transmissão do vício aos descendentes como forma de degradação física, intelectual, moral e psíquica, além de alertar a degeneração “raça brasileira”. Além de Belisario Penna e Courmont, João Candido citava o médico Miguel Couto, o estadista Gladstone, o general prussiano Moltke, os clínicos Fernet e Legrain, o higienista Monin e o neuropatologista Grasset. Demonstrava grande erudição com bibliografias de ícones estrangeiros e nacionais. O álcool era relacionado sobretudo às doenças mentais, tanto que a partir da chamada Lei de Drogas Estadual do Paraná, datada em 1922, previa-se a instalação de uma ala de internamento para pessoas intoxicadas pelo álcool e outras substâncias dentro do Asilo de alienados na capital paranaense (PIETTA, 2015, p.160). Há indícios que possibilitam pensar a intenção da palestra como legitimadora de tal lei.

Acerca da sífilis, João Candido escreveu o texto *Clinica Syphiligraphica: Febre luetica*, em 1919, *A syphilis como problema social*, datado em 1922, *Allocução*, datada igualmente em 1922 e *Hypoepinephria e aortite syphilitica*, em 1930. O último tinha caráter mais clínico e foi publicado na *Revista Parana-Médico*. A terceira produção foi fruto de fala na ocasião em que era paraninfo na colação de grau de doutorado da Faculdade de Medicina do Paraná. A segunda, de cunho social, foi publicada na *Revista do Centro de Letras do Paraná*, em 19 de dezembro de 1922, portanto, um local de sociabilidade para além do campo médico. Finalmente, a primeira, de caráter clínico, foi publicada nos periódicos *Brazil-Médico* e *Paraná Médico*. Na década de 1920, João Candido passou a fazer parte do Centro de Letras e, a partir de então, começou a palestrar em outros ambientes.

As discussões sobre a sífilis estavam presentes na tese acadêmica, na qual João Candido trabalhou com a noção de *nevrite syphilitica*. Na sua leitura de 1920, a sífilis passa a pertencer ao rol dos grandes problemas sociais ou a ser interpretada como um flagelo da humanidade que deveria ser combatido. Dialogava no texto com sífilígrafos como Eduardo Rabello, seu professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e com o francês

Leredde. Como Leredde, concordava que muitas consequências da sífilis eram ocultadas ou dissimilavam-se por detrás de outras doenças como: hemorragia cerebral, amolecimento, meningite, epilepsia, paralisia geral, ataxia locomotora, atrofia muscular, moléstias do coração, aortite, aneurisma, angina no peito, arteriosclerose, bronquite crônica, úlcera do estômago, cirrose do fígado, nefrite crônica, bócio oftálmico (FERREIRA, 1922, p.86). Porém, João Candido afirmava que essas eram causas de uma mesma doença, a sífilis. Acreditava que a sífilis tinha efeitos funestos na descendência dos portadores, podendo causar

[...] abortos, polylethalidade infantil, dystrophias e monstrosidades, manifestações mais ou menos graves de syphilis hereditária, precoce e tardia, póde-se considerá-la como uma verdadeira calamidade, uma ameaça terrível para o presente e futuro de nossa raça e da humanidade, si não lhe for applicado um remédio prompto e efficaz. (NICOLAS, 1922 apud FERREIRA, 1922b, p. 90).

A noção de hereditariedade esteve presente em todos esses textos de cunho social. Além do plano teórico, João Candido Ferreira se envolveu com o plano prático relativo à sífilis. Participou de atividades de dispensários e ambulatórios na capital paranaense responsáveis pelos serviços de doenças venéreas, sendo até parabenizado pelo Governador do Estado em relatoria de Governo no ano de 1922. No mesmo ano, em palestra aos doutorandos, João Candido relatava em tom combativo, que “[...] sois médicos, acabastes de receber o symbolo de um sacerdócio quase divino [...]” e “a luta vai recomeçar e entre os inimigos mais ferozes e roazes que tereis de combater em vosso tirocínio, sobresaem os 3 grandes flagelos que dizimam, degradam e abastardam a humanidade: a tuberculose, o alcool e a syphilis”. A fala efetuada aos doutorandos é significativa para se pensar o ensino e as lutas eugênicas dos futuros médicos.

Ainda no ano de 1922, João Candido tomou posse como presidente do “Instituto de Hygiene Infantil – Escola de Puericultura”. (PIETTA, 2015, p. 165). A puericultura foi um dos ramos revividos pelos eugenistas neolamarckistas, conforme aponta Stepan (2004, *apud* SCHNEIDER, 1982). Em seus textos, João Candido citava a figura de Adolphe Pinard, que asseverou, no Primeiro Congresso de Eugenia em Londres, que a hereditariedade dos caracteres adquiridos e a influência do meio era uma forma de melhorar a raça (SCHNEIDER, 1990, p. 69-109 apud SOUZA, 2006, p. 48). Stepan (2004) relata que, no Brasil, por tradição cultural, aprendia-se ciência com a França, e com a eugenia não era diferente, tanto que até mesmo a Sociedade Eugênica de São Paulo utilizou a sociedade francesa como modelo. Isso é perceptível em toda trajetória acadêmica de João Candido Ferreira, que foi influenciado pelos teóricos franceses. No que diz respeito à puericultura, à

luta contra a tuberculose, o álcool e a sífilis, podemos considerar João Candido alinhado a uma eugenia “preventiva”, no entanto, perceberemos que em alguns momentos há uma guinada para a eugenia “negativa”.

O texto *A Eugenia*, inicialmente foi construído para uma conferência no Teatro Guaíra, encomendada pelo Centro de Letras do Paraná. Em um segundo momento, foi publicado integralmente durante a semana posterior à palestra, no jornal *O Commercio do Paraná*, e no mesmo ano publicado em forma de folheto pela Livraria Econômica, de Curitiba. Nesse texto, João Candido teve oportunidade de esboçar seu projeto de nação, dando sentido às suas produções acadêmicas. Afirma o médico paranaense no proêmio do texto: “[...] em uma serie de publicações tenho me occupado dos grandes flagellos, que mais damnos causam à espécie humana. Com a divulgação, hoje, deste pequeno trabalho levo a termo esses estudos, que visam a mesma finalidade [...]” (FERREIRA, 1923, p. 2). É nesse momento que João Candido se identifica como um médico eugenista e dá sentido para suas produções, ou que evidenciamos como memórias de si.<sup>7</sup>

Para João Candido, o trabalho sobre a eugenia seria o último remate de sua construção, ou o que ele chamou de zimbório refulgente – que é a cobertura ou a abóboda de uma construção. Afirmava ele: “Agora fecho, com este ultimo elo da cadeia, o cyclo de um modesto acervo de publicações, com o mesmo objectivo: – melhorar os destinos da humanidade, profligando os grandes males que a flagellam.” (*Idem*). No texto original, destaca em negritos os termos prophylaxia e o tratamento da tuberculose; alcoolismo; syphilis; e Eugenia. O proêmio escrito por João Candido nos leva a pensar que o texto segue uma linha branda ou de eugenia “preventiva”, porém o texto elenca algumas especificidades que caracterizam uma eugenia “negativa”.

João Candido não acreditava que o brasileiro era um tipo inferior, porém indignava-se quando pensava como um país tão vasto e rico podia produzir “[...] homens tão fracos, doentes, desalentados e tristes!” (FERREIRA, 1923, p. 22). Segundo o médico paranaense, “[...] o brasileiro, produto do cruzamento de três troncos principaes e do caldeamento de outros sangues, não é um typo inferior, nem um individuo degenerado [...]” (FERREIRA, 1923, p. 22). Assim, não confiava que a miscigenação ou a mistura racial era um fator de degeneração, se distanciando das interpretações racistas que circulavam em parte do campo intelectual. Para além disso, faz um elogio ao caboclo considerando-o o tipo brasileiro dito “ideal”. Para ele, o caboclo era forte e ousado, patriótico e inteligente quando os flagelos não contaminavam seu sangue, nem arruinavam seu corpo.

Para o médico paranaense, 80% da população do interior do Brasil era doente e analfabeta (FERREIRA, 1923, p. 22). Relatava que a verminose sugava as energias da população, ora era a sífilis que roía os tecidos, ora era o álcool que causava esclerose nas

artérias, ora era a tuberculose que definhava os músculos. Enfim, tais flagelos unidos degeneravam e abastardavam a estirpe brasileira (*Idem*).

Este é um momento que João Candido e Renato Kehl se aproximam em suas posições teóricas referentes à eugenia, pois estão dispostos por um mesmo intuito, remediar a nação doente. Conforme apontou Souza (2006, p. 20), entre 1920 e 1927, Renato Kehl prestou serviços ao Departamento Nacional de Saúde Pública, desenvolvendo empreitadas na defesa de um programa eugênico mais suave, próximo da eugenia “preventiva” e “positiva” – tema que será apreciado no próximo item. Nesse sentido, João Candido Ferreira, por estar envolvido também no movimento de Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural no Paraná, de iniciativa de Manguinhos, pensava o interiorano e o caboclo doente que necessitava da ajuda da ciência para sair daquela situação. Assim, faz uso da ciência eugênica em seu viés preventivo, dialogando com a teoria neo-hipocrática, neolamarckista e bacteriológica.

Entretanto, notamos, em seu texto, um caráter da eugenia “negativa”, sendo favorável à obrigatoriedade dos exames pré-nupciais, uma das grandes lutas efetuadas por Agostinho Souza Lima na Academia Nacional de Medicina, em 1892, e por Renato Kehl na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na década de 1920. Foi também favorável à esterilização em casos particulares como tuberculosos, psicopatas e morféticos. Segundo João Candido, “[...] o indivíduo que soffre de moléstia contagiosa não se casa, o que soffre de moléstia hereditária pode casar-se depois de esterilizado: – eis a verdadeira doutrina eugênica que se deve ser aceita pelos veros patriotas [...]” (FERREIRA, 1923, p. 16).<sup>8</sup> Acerca das esterilizações, além de citar casos como o dos Estados Unidos, referendava o “notável cirurgião Alexis Carrel”, um dos integrantes dos comitês de esterilização.

Em 1932, João Candido recebe uma proposta da Radio Club Paranaense, no intuito de educação e instrução da população, criando o programa “quarto de hora da Eugenia”. (PIETTA, 2015, p. 110). Aceita a proposta, prepara o texto *O valor da Eugenia ou Do Ar Puro como Fator Higienico*, que posteriormente se transformou em uma publicação na *Revista de Medicina do Paraná*. Na década de 1930, no entanto, João Candido conceituava eugenia como uma ciência que trata do aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana, na qual, eugenizar era “[...] educar, instruir, fortificar e sanear” (FERREIRA, 1932, p. 1). Portanto, retorna a uma eugenia preventiva, e nessa palestra recupera a teoria neohipocrática aliada a eugenia como instrumento revitalizador da nação.

## No baú das “eugenias” de Renato Kehl

Embora muita coisa tenha sido produzida sobre o pensamento de Renato Kehl nas últimas duas décadas a respeito da eugenia, ainda é possível para o pesquisador mergulhar nos seus arquivos e pensar novas questões referentes à raça e à nação. O Fundo Pessoal Renato Kehl oferece a dimensão de tal possibilidade, uma vez que parte das suas correspondências, escritos em impressos periódicos e produções intelectuais permanecem inexploradas.

As produções de Kehl estão situadas essencialmente entre o final da década de 1910 e perduram até o final da década de 1960. Isso representa, em média, quase cinquenta anos de produção intelectual sobre eugenia, em diferentes contextos particulares e nacionais. Fazemos essa distinção na medida em que o estado da arte do estudo de Renato Kehl identificou diversas particularidades em sua forma de pensar a eugenia nesse recorte temporal de quase meio século.

Os arquivos do Fundo Pessoal de Renato Kehl permitem traçar essa linha cronológica e identificar suas várias facetas no trato da eugenia e da nação. Dessa forma, em concordância com a historiografia, podemos dividir em três partes sua trajetória ao trabalhar este tópico. Como argumentou Souza (2006), Kehl, em um primeiro momento, associou a sua interpretação de eugenia mais especificamente ao contexto do movimento sanitário brasileiro, entre as décadas de 1910 e 1920. No final dessa última década, o eugenista brasileiro abandonaria um dito modelo considerado mais “suave” e passaria a abordá-la em formatos de uma chamada eugenia “negativa”, em que gradualmente proporia uma seleção mais contundente dos “bem nascidos”. E, por fim, após a hecatombe e as sequelas da Segunda Guerra Mundial<sup>9</sup>, Kehl esteve voltado a uma interpretação menos extremada e mais relacionada aos aspectos da eugenia e psicologia. Sua percepção eugênica, nesse momento, esteve incluída nas suas produções intelectuais de maneira mais tímida, mas sempre presente.<sup>10</sup>

Bem como João Candido Ferreira, Kehl posicionou-se em impressos periódicos sobre os mais diversos conteúdos médicos – sífilis, alcoolismo, tuberculose – e sociais de sua época. Separamos quatro textos publicados em impressos periódicos como fonte para a análise da sua trajetória nos diferentes momentos que argumentamos no parágrafo anterior. Tal exame fornece, mesmo de maneira abreviada, uma anatomia do pensamento do eugenista e a constituição dos seus arquivos.

Em sua primeira fase, notamos a aproximação com o movimento sanitarista do Brasil que ganhava força desde a década de 1910. Muitos atores históricos até associaram as medidas saneadoras com as eugênicas como forma de resolução dos problemas do homem

e da nação. Diversos intelectuais se aproximaram da eugenia, como foi o caso de Monteiro Lobato, que se tornou um militante da causa. Enquanto permaneceu como editor da *Revista do Brasil*, na seleção dos debates que integravam as preocupações recorrentes dos debates intelectuais do final da década de 1910 e ao longo de 1920. Partindo do argumento de Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman (1996), a ciência médica contribuiu nesse período para o repensar da identidade nacional legitimando e ampliando a ação do Estado. Sanitarismo, higiene, povo e raça eram alguns dos temas que corriam as páginas e ecoavam na voz de diversos atores que tinham seu espaço no periódico. Além do próprio Renato Kehl, estariam os nomes de Oliveira Vianna, Afrânio Peixoto, Franco da Rocha, entre outros. Kehl, quanto à relação entre eugenia e higiene, asseverou da seguinte forma em 30 de outubro de 1922, em entrevista ao periódico *A Noite*:

No dia em que a propaganda de higiene conseguir que o povo brasileiro compreenda a significação da campanha de saneamento, iniciada promissora e entre nós, colaborando para esse patriótico “desideratum” de reabilitação sanitária, poder-se-á dizer que o Brasil é realmente o seio de Abraão dos tempos presentes. (Elevando a..., 1922, p. 1).

Embora Kehl ressalte a importância da higiene durante toda sua trajetória, este momento é oportuno para perceber o seu lugar no discurso eugênico. Tratava-se, nesse caso, de aliar a reforma da sociedade com a reforma da hereditariedade. Como salienta Stepan (2005, p.95) quanto às ciências do saneamento: “[...] tinham importante significados ideológicos de que seu hauria a eugenia, e que agiram, primeiramente, empurrando-a para uma direção reformista orientada pelo saneamento [...]”. A reforma do ambiente em vista das concepções neolamarckistas foi fundamental para o projeto de consolidação da eugenia no Brasil.

Dessa forma, o fragmento da entrevista de Kehl publicada no jornal *A Noite* representa uma evidência da aproximação da eugenia com as práticas do saneamento. Tal questão não sugere uma incoerência com a transformação do seu pensamento em anos subsequentes, mas uma amostra da polimorfa interpretação científica que a eugenia poderia obter mesmo para um único cientista. Não à toa, em sequência, pode ser analisada em seu acervo o flerte com uma eugenia preocupada com a esterilização do indivíduo. Não há, até o atual momento do estado da arte da historiografia da eugenia, nenhuma evidência de que a esterilização tenha sido aplicada no Brasil, todavia, o discurso esteve presente em impressos periódicos e circulou na sociedade brasileira.

No Fundo Pessoal de Renato Kehl há certo equilíbrio em termos de fontes nas diferentes fases que colocamos em pauta do médico eugenista. Portanto, quando Kehl assume uma defesa contundente de propostas da chamada eugenia “negativa” na década

de 1930, podemos vislumbrar as diferentes frentes e justificativas para a fundamentação do seu argumento. Em entrevista ao jornal *O Globo*, de 13 de outubro de 1935, o discurso da esterilização encorpava face às medidas adotadas pela Alemanha Nazista:

Estou convencido de que vamos chegar a um momento de tal plethora de anormais, que não haverá outro recurso senão fazer o que fazem os alemães: a esterilização em larga escala.

Um anormal custa ao Estado 3 a 4 vezes mais do que um homem válido, dedicado ao trabalho manual grosseiro. (Adotará..., 1935).

Dois anos antes, no *Correio da Manhã* de 20 de agosto de 1933, Kehl discutia a legitimidade da proposta de esterilização, sua aplicação no *Reich* alemão e a ausência de atitude – quase como uma negligência – por parte do Estado brasileiro:

Eis que, agora, o governo do Reich, resolve, sem tergiversação decretar a lei da esterilização, pondo um paradeiro a faculdade concedida a idiotas, a cretinos, a loucos, a monstriparos de todo gênero, de procriarem à la diable amontoando sobre as costas do elemento sadio, útil e produtivo os terríveis fardos de pesadas taras, em progressão assustadora, sobretudo nestes últimos anos [...]

Enquanto outros povos enveredam pela prática das medidas eugênicas, nós permanecemos ainda no período da propaganda, embora já decorridos cerca de 20 anos de campanha inicial (Degeneração..., 1933, p. 2).

Na década de 1930, o teor combativo constitutivo de Kehl assume linhas mais extremadas e corrobora com as ações de esterilização proclamadas por países como Alemanha, Estados Unidos e da região escandinava. A mudança de postura consiste mais precisamente na adoção de corrente eugênica como solução para a nação do que necessariamente um aumento de propaganda da Ciência de Galton. Isso deve ser sublinhado ao passo que Kehl ficou conhecido como um propagandista da eugenia, característica que o acompanhou até o final da sua vida.

Pode-se deduzir que este era um momento empolgante para a concretização da eugenia em escala global. As realizações, mesmo que draconianas, da Alemanha e dos Estados Unidos, abriam possibilidades de ampliar a ciência eugênica para todo o planeta. Na interpretação de alguns eugenistas defensores da linha eugênica “negativa”, se o Estado assumisse seu papel de condução das práticas de controle eugênico, em termos de Brasil, finalmente poderíamos avançar enquanto civilização competitiva.

Se na perspectiva da eugenia “negativa” o cenário parecia promissor, a realidade após a Segunda Guerra e a abertura da ferida dos campos de concentração e das experiências feitas pelos nazistas, muitos deles municiados de ideologia eugênica, relegou um período doravante de obscurantismo para a ciência da eugenia. O holocausto nazista

seria, ao menos em tese, um ponto final em qualquer esperança de uma sociedade eugenizada. Em teoria, pois um adendo deve ser considerado para fins de evitar incorrer em um dado histórico. Como mostram os estudos de Alexandra Stern (2005), a eugenia nos Estados Unidos permaneceu durante décadas após o conflito mundial.

No contexto brasileiro, a popularidade da eugenia foi reduzida. Entretanto, Kehl não deixou de proferi-la, adaptando o discurso a novas formas de enxergar a ciência de Galton. O eugenista continuou escrevendo para diversos impressos periódicos e seu discurso adotou um entendimento mais voltado à psicologia. Alguns de seus escritos seriam adequados às duas fases anteriores de sua vida, nos quais relativizou o contexto social e da hereditariedade. Este constituiria o terceiro momento, que interpretamos em seus arquivos acerca da sua trajetória. A *Gazeta*, datada de 9 de março de 1957, ilustra o novo nível de retórica utilizada por Kehl:

Boa base hereditária, mais boa educação, mais bom meio físico, doméstico e social, resultam num produto sadio e equilibrado. Se a hereditariedade for má, mas a educação e o meio forem bons, ter-se-á um produto medíocre, instável e suscetível às intercorrências desajustadoras. No caso de base hereditária má, educação e meio precários, as consequências serão desastrosas. (O triângulo..., 1957).

Este excerto é revelador para argumentar o envolvimento de Kehl com a eugenia e suas bases, mesmo depois de doze anos do término da Segunda Guerra Mundial. Rompe, de certa forma, com as incertezas da sua postura ou supostas desistências da militância eugênica. O médico brasileiro se rearranja diante do novo cenário, mas não abandona efetivamente suas crenças na eugenia. Em partes, é coerente concordar com o argumento de Vanderlei Sebastião de Souza (2015, p. 272), que “Ao longo da Segunda Guerra Mundial, o próprio Renato Kehl perderia o entusiasmo que por mais de vinte anos alimentara sua campanha pela eugenia”. Se compararmos os fragmentos da campanha eugênica, devemos concordar com Souza quanto à diminuição da intensidade desta campanha. Todavia, a presença da eugenia e a discussão das teses de Galton permanecem no seu novo modelo de construção narrativa.

O Fundo Pessoal Renato Kehl, enquanto acervo de um cientista que ganhou a alcunha de maior propagandista da eugenia no Brasil e foi reconhecido internacionalmente entre os pares de sua época, resguarda muitas informações a serem estudadas pelos pesquisadores. O volume de fontes permite recortar diferentes espaços cronológicos na análise da eugenia no Brasil e perceber seus diferentes discursos de nação na voz de Kehl.

## Considerações Finais

Registrar as memórias sobre o contexto de determinadas ideias, influências, diálogo com seus pares e inserção intelectual é reencontrar aspectos perdidos de um tempo e algumas águas adormecidas desse poço que não se preconiza raso. (PROUST *apud* BRITO, 2010, p. 385).

Consideramos, nesse texto, o acervo intelectual de dois médicos que viveram em dois contextos históricos distintos, mas que, ao mesmo tempo, foram contemporâneos em determinado estágio da vida e percorreram alguns trajetos que os aproximaram. O arcabouço documental impresso acerca de Renato Kehl e João Candido Ferreira revela que os dois médicos estão distantes dos sujeitos ordinários delimitados por Certeau (1998). Ao contrário, os grandes acervos relativos aos dois médicos dispõem sinais de distinção social – mesmo que a quantidade de textos acerca da eugenia comparada às duas trajetórias sejam desproporcionais. No entanto, as palavras de Prost são significativas no sentido de ambos os médicos registrarem memórias acerca de seus contextos de produção, seus diálogos e suas influências científicas, na qual os impressos aqui examinados corroboraram.

Seus acervos intelectuais, conforme evidenciado no início, possuem muitas diferenças. Renato Kehl possui um acervo organizado na Casa de Oswaldo Cruz – o Fundo Renato Kehl. Tal acervo foi doado à instituição no ano de 2000, por Sérgio Augusto Penna Kehl – filho de Renato Kehl –, e conta com uma série documental riquíssima e muito ampla. Segundo a própria base arquivística, o Fundo “[...] reúne cartas, cartões, boletins, textos e artigos científicos, discursos, folhetos, recortes de jornais e fotografias, entre outros documentos referentes à vida pessoal e à trajetória profissional do titular frente à campanha pela implantação da eugenia no Brasil.”<sup>11</sup> Ou seja, houve, por parte dos arquivistas, um cuidado de conduzir através da trajetória do intelectual vinculado ao Instituto de Manguinhos um acervo para a história do intelectual e da eugenia.

Por outro lado, João Candido Ferreira possui seus textos espalhados por diversas instituições de memória e pesquisa em Curitiba-PR, conforme comentado na introdução. O acervo do médico paranaense não foi agrupado de forma organizada ou em um fundo documental. Isso se explica, em partes, por não haver uma preocupação explícita com a memória médica no Paraná. É uma cultura que ainda engatinha e busca angariar valorização.<sup>12</sup> Uma singular intenção de preservação de memória médica ocorreu no ano de 1988 e encontra-se na série *Galeria Médica do Paraná*, que teve como apoiadores a Fundação Santos Lima – criada em 1984 com o intuito pró-memória médica – e a Editora da UFPR. Organizado por Eduardo Corrêa Lima, os trabalhos iniciaram-se na busca pelas produções do médico intelectual e de traços biográficos produzidos até então. O resultado

foi o livro *João Cândido Ferreira: uma existência glorificada na prática e no ensino da medicina*. No entanto, a faceta eugenista do médico paranaense não fez parte do livro, ou seja, o texto *A Eugenia* foi excluído do quadro de textos acoplados.

Isso se explica de maneira simples, pois o rótulo de eugenista no pós-Segunda Guerra Mundial foi por vezes relegado, assim como anotado no estudo de Renato Kehl. Em um primeiro olhar, a ciência eugênica foi um legado reconhecido direcionado apenas a Kehl e no máximo, com muita resistência, a Monteiro Lobato. Sendo assim, é necessário compreender as relações estabelecidas entre acervos intelectuais e as estratégias de manipulação da memória dos envolvidos, a fim de entender quais foram os lucros simbólicos obtidos por tais estratégias. A exclusão da ciência eugênica da biografia foi uma manifesta estratégia para excluir uma visão negativa que poderia ser alçada para a figura do intelectual paranaense. Há evidências que indicam o diálogo entre os organizadores da *Galeria Médica do Paraná* e familiares de João Candido Ferreira e, portanto, a exclusão revela uma escolha.

Ademais, a pesquisa histórica pretende-se compreensiva a estes fatos. Mais que isso, compreensiva do contexto e dos arranjos com que a ciência eugênica se estabeleceu no país e foi interpretada pela intelectualidade, seja de forma “radical” ou “suave”. Assim, nesse texto, buscamos trazer à tona a riqueza que os acervos de intelectuais médicos e eugenistas possuem para a pesquisa histórica das primeiras décadas da República brasileira, fazendo referência a dois intelectuais de lugares sociais diferenciados e com artesanatos intelectuais *sui generis*.

**Recebido em: 04/09/2016**

**Aprovado em: 07/11/2016**

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf.: MOTA, Andre; Tarelou, Gustavo Querodia. *Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40*. *Revista de História* (UFES), v. 34, p. 255-279, 2015.

<sup>2</sup> Nevio Campos (2011, p.75) relata que, em autobiografia, Victor Ferreira do Amaral e Silva – cunhado de João Candido Ferreira e também fundador da Universidade do Paraná e da Faculdade de Medicina do Paraná, em 1912 – expôs que a propriedade de seu pai era auxiliada por escravos.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/renato-kehl> Acesso em: 29 ago. 2016.

<sup>4</sup> Miguel Couto foi o responsável pelo parecer da candidatura de João Candido para membro da Academia Nacional de Medicina, em 1899. Com o texto *Influência da gravidez sobre as doenças do Coração*, João Candido obteve unanimidade dos votos e tornou-se membro da Academia. O médico José Pereira de Macedo em texto publicado no jornal *Gazeta do Povo*, em 1964, portanto após a morte de João Candido Ferreira afirmou: “Tivesse João Candido vivido no meio culto em que se criou Miguel Couto, e tivesse, obscuro na província ignorada as mesmas seriam as suas nobres ações, o

mesmo teria sido este admirável par de homens ímpares; apenas João Candido teria tipo a projeção de Miguel Couto e Miguel Couto teria sido o João Candido do Paraná. “ (MACEDO, 1964 *apud* LIMA, 1988, p. 49).

<sup>5</sup> A blenorragia era considerada uma doença transmissível distinta da sífilis.

<sup>6</sup> João Coelho de Miranda Leão, médico que frequentou a Faculdade de Medicina da Bahia nos primeiros anos e finalizou seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1899.

<sup>7</sup> Renato Kehl dissertou de forma semelhante no texto *Por que sou eugenista*. Quando fala no 1º Congresso de Eugenia, em Londres, se utiliza da prática da memória de si intencionalmente para se tornar hegemônico no campo eugênico. Traz a súmula da campanha eugênica realizada por ele, de 1917 a 1937, porém, antes disso afirma que, em 1913, escreveu “[...] o primeiro trabalho sobre o assunto, anexo a um estudo sobre as teorias de Weissman que, por motivos especiais foi em parte conservado inédito.” (KEHL, s/d, p. 99). De acordo com Souza (2006), este trabalho era para ser sua tese acadêmica, porém, por falta de discussões optou em deixá-la de lado.

<sup>8</sup> Esta era uma visão compartilhada por Renato Kehl, que pretendia a esterilização de criminosos, anormais, surdo-mudos e quem possuísse estigmas de degeneração. (SOUZA, 2006, p.146)

<sup>9</sup> Consultar como leitura complementar: MAIO, Marcos Chor. O projeto Unesco: Ciências Sociais e o “credo racial brasileiro”. *Revista USP*, São Paulo, n.46, 2000, pp. 115-128.

<sup>10</sup> Recomendamos a leitura de: SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Renato Kehl, o eugenista do Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. pp. 262-284.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/renato-kehl> Acesso em: 10 ago. 2016.

<sup>12</sup> Aqui fazemos até mesmo uma crítica a essa questão, exemplificamos o caso da Biblioteca da Saúde vinculada à Universidade Federal do Paraná, que possui seu acervo riquíssimo, porém desorganizado e carente de instrumentos de pesquisa.

## FONTES

*A Gazeta*, Rio de Janeiro, 1957. Biblioteca Nacional.

*A Noite*. Rio de Janeiro, 1922. Biblioteca Nacional.

*A Republica*. Curitiba, 1929. Biblioteca Nacional.

*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1930; 1933. Biblioteca Nacional.

FERREIRA, João Candido. *Das Nevrites Periphericas* (These inaugural). Rio de Janeiro: Typ. E Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1888.

\_\_\_\_\_. *Prophylaxia da Tuberculose*. Lapa: Typografia a vapor Impressora Paranaense, 1897.

\_\_\_\_\_. *O álcool não é aperitivo, nem termogênico*: Lição proferida no Hospital de Misericórdia de Curityba. Curitiba: Empreza Graphica Paranaense, 1922a.

\_\_\_\_\_. *Allocução*. Curitiba, 1922c.

\_\_\_\_\_. *A Eugenia*. Conferencia pronuncaiada no Theatro Guayra a 25 de Fevereiro de 1923, sob os auspícios do Centro de Letras do Paraná. Curitiba: Livraria Economica, 1923.

\_\_\_\_\_. *A Oração de Paraninfo*. 1938. In: LIMA, Eduardo Santos. *João Cândido Ferreira: uma existência glorificada na prática e no ensino da medicina*. Editora da UFPR, Curitiba, 1988.

---

KEHL, Renato. *Por que sou eugenista*. Rio de Janeiro: F. Alves, [s.d.].

*O Globo*. Rio de Janeiro, 1935. Biblioteca Nacional.

*Paraná-Médico*. Curitiba, 1917. Biblioteca Pública do Paraná.

*Revista do Centro de Letras do Paraná*. Curitiba, 1922. Biblioteca Pública do Paraná.

*Revista Médica do Paraná*. Curitiba, 1932. Biblioteca Pública do Paraná.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, Clovis Carvalho. Uma trajetória em narrativas: o artesanato intelectual de Renato Ortiz. *Sociedade e Estado* (UnB. Impresso), v. 25, p. 384-394, 2010.

CAMPOS, Névio de. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Do Oikos a Scholé (1862-1878). In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.41, p. 72-87, mar, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

DE LUCA, Tania Regina; História dos, nos e por meio dos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, Absolvido Pela Medicina: O Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo V.(Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MACEDO, José Pereira de. Professor João Candido Ferreira. In: LIMA, Eduardo Santos. *João Cândido Ferreira: uma existência glorificada na prática e no ensino da medicina*. Curitiba: Editora da UFPR, 1988.

MAIO, Marcos Chor. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, Apr/Jun, 1995.

\_\_\_\_\_. O projeto Unesco: Ciências Sociais e o “credo racial brasileiro”. *Revista USP*, São Paulo, n.46, 2000, pp. 115-128.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. Arquivos de cientistas como fontes para a história das ciências. In: MOLLO, Helena Miranda (org.). *Biografia e história das ciências : debates com a história da historiografia*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

MOTA, Andre; Tarelou, Gustavo Querodia. Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40. *Revista de História* (UFES), v. 34, p. 255-279, 2015.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

---

PIETTA, Gerson. *Medicina, eugenia e saúde pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938)*. Dissertação de Mestrado. Irati, PR: Unicentro, 2015.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: A “Eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917- 1932)*. Dissertação – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. Renato Kehl, o eugenista do Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. pp. 262-284.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto (org.) *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Ediora Fiocruz, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STERN, Alexandra. *Eugenic Nation: faults and frontiers of better breeding in modern America*. California: University of California Press, 2005.

TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin Eugenics in Comparative Perspective*. London & New York: Bloomsbury Academic, 2014.

VELLOSO, Verônica Pimenta.; XAVIER, Andréa Lemos.; FONSECA, Rachel Fróes da. Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa Oswaldo Cruz / Fiocruz, s/d. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php> Acesso em: 29 ago.2016.